

EDUCAÇÃO INFANTIL E ATIVIDADE CRIADORA

EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND CREATIVE ACTIVITY

Giovana Bianca Darolt Hillesheim

Mestre e doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Professora da Universidade para Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

E-mail: giovanabianca@yahoo.com.br

RESUMO

Refletimos neste artigo sobre o ensino de arte no contexto das instituições de educação infantil partindo do pressuposto de que a vida social é fundamental para que a criança construa seu pensamento e interaja no meio cultural. Resgatamos o conceito de *atividade criadora* desenvolvido pelo psicólogo russo Lev Vigotsky ao defender que toda atividade humana que não se limita a reproduzir impressões vividas, mas que cria novas ações e impressões enquadra-se no conceito de criatividade. Ao abordar a relevância da mesma no ambiente escolar, especificamente nas instituições de Educação Infantil, ressaltamos que para oportunizar o desenvolvimento da capacidade criadora o docente precisa ter em mente que, quanto maiores são as vivências, maior a imaginação e que o ímpeto criativo não se manifesta repentinamente, senão de forma lenta e gradual. Conforme a criança vê, experimenta e assimila elementos reais, maior seu potencial criativo. Neste estudo inter-relacionamos os conceitos vigotskianos de atividade criadora com os estudos realizados pela pesquisadora Maria Carmem Silveira Barbosa sobre a rotina nas instituições de educação infantil. Buscamos elucidar de quais formas a arte se insere na estrutura destas instituições, considerando as rotinas de organização do tempo e do espaço, assim como a seleção e a oferta de materiais. Nosso intuito é oportunizar aos docentes de artes visuais subsídios para que reflitam acerca da ação pedagógica na educação infantil, mesclando os saberes próprios do campo educacional àqueles específicos da área artística.

Palavras-Chave: Atividade Criadora. Educação Infantil. Ensino de Arte. Rotina Escolar.

ABSTRACT

We reflect in this article on the art of teaching in the context of educational institutions on the assumption that social life is essential for the child build his thinking and interact in the cultural milieu. We rescue the concept of creative activity developed by the Russian psychologist Lev Vygotsk to argue that all human activity that does not merely reproduce

vivid impressions, but creating new actions and impressions fits the concept of creativity. In addressing the relevance of it in the school environment, specifically in early childhood education institutions, we emphasize that create opportunities for the development of creative capacity teachers need to keep in mind that the greater the experiences, the greater the imagination and the creative impetus is silent suddenly, but slowly and gradually. As the child sees, experiences and assimilates real elements, the greater their creative potential. In this study the inter-relate Vigotsk's concepts of creative activity to the studies conducted by the researcher Maria Carmen Barbosa Silveira on the routine in early childhood institutions. We seek to clarify what forms of art is included in the structure of these institutions, considering the organizational routines of time and space, as well as the selection and supply of materials. Our goal is to create opportunities for visual arts grants for teachers to reflect on the pedagogical action in kindergarten merging the specific knowledge of the educational field to the knowledge of the artistic area.

Keywords: Creative Activity. Early Childhood Education. Art Education. School routine.

1 A ESCOLA NA SOCIEDADE ATUAL

Transitar pelo contexto pedagógico de Educação Infantil abre espaço para um vasto campo de pesquisas. Esta notável área e suas possibilidades têm caminhado a passos largos nos últimos anos, apontando de forma incontestável para a importância da vida social na infância e seus respectivos relacionamentos. O entendimento de que a criança desde muito pequena busca relacionar-se com outras pessoas para compreender o mundo que as cerca redimensionou o conceito de educação infantil.

O inegável e progressivo espaço que a Psicanálise, a Pediatria e a Psicologia conquistaram no sistema educacional está bastante distante do tempo em que a aprendizagem das crianças era tida como o momento de afrouxar os laços afetivos entre pais e filhos. O presente reconhecimento e a consciência da importância da vida escolar para o desenvolvimento das crianças é uma convicção inteiramente diferente do que foi a infância numa sociedade medieval.

O historiador Philippe Ariès nos lembra que “o grande acontecimento foi o reaparecimento no início dos tempos modernos da preocupação com a educação” (ARIÈS, 1981, p.276). A evolução para que a criança passasse a não mais viver tal e qual o adulto foi uma conquista atribuída historicamente ao surgimento do conceito de família e de escola, embora as primeiras escolas confinassem a criança a um severo regime disciplinar.

Hoje as crianças, desde a mais tenra idade, são reconhecidas como aprendentes competentes que, ao se relacionarem com outras pessoas e com o meio em que vivem, se desenvolvem e aprendem, construindo seu próprio pensamento. Sabemos que, para que esta construção se dê de maneira profícua, é necessário que a criança esteja inserida em um meio cultural rico e estimulante. Angel Pino (2005) nos lembra de que, antes mesmo de nascer, a criança ocupa não somente um lugar na barriga da mãe, mas também um lugar na sociedade e de que sua existência está atrelada às condições de seu meio cultural. “Por meio cultural entende-se o conjunto de condições reais de existência que cada grupo familiar- restrito ou ampliado – oferece aos seus membros.” (PINO, 2005, p. 152).

A instituição escolar impulsiona o desenvolvimento e permite maiores condições de acesso aos bens culturais necessários para a espécie humana. O psicólogo russo Lev Vigotsky (1896-1934), principal autor da Teoria Histórico - Cultural, demonstrou que a intervenção pedagógica provoca avanços que não acontecem espontaneamente. Para ele uma boa escola é aquela cujo ensino estimula a criança a atingir um nível de compreensão e habilidade que ainda não domina completamente.

Os estudos vigotskyanos têm uma inegável importância na educação brasileira. Para inúmeros docentes e pesquisadores a incorporação de fatores sociais na formação de conceitos é um dos princípios básicos de sua teoria que vê a criança como um ser biológico num ser cultural, se desenvolvendo a medida que interage com as outras pessoas. No intuito de esclarecer o conceito de criança defendido por Vigotsky, Pino assim se manifesta:

Colocando entre parênteses a realidade da história social, profundamente trágica sob muitos aspectos, parece normal ver o desenvolvimento da criança como um processo de transformação, mediado pelo Outro, da sua condição de *ser biológico* num *ser cultural*, ou seja, um ser semelhante aos outros homens. Isso supõe duas condições fundamentais: que, no momento do nascimento, a criança possua o equipamento genético e neurológico da espécie - o que, em princípio, é garantido pela natureza no próprio ato da gestação - e que, com a ajuda do Outro, integre-se, progressivamente, nas práticas sociais de seu grupo cultural. (PINO, 2005, p.153).

O Referencial Curricular para a Educação Infantil (2001), documento elaborado pelo Ministério da Educação que pretende apontar metas de qualidade para a Educação Infantil no Brasil, adota a abordagem de Lev Vigotsky no que diz respeito à construção de conhecimento pelas crianças em situações de interação social.

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de ter ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir de interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. Conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e resignificação. (RCNEI, vol 1, 2001, p. 22)

A Teoria Histórico - Cultural embasou muitos estudos educacionais no Brasil a partir da década de 80; sua noção de sociedade humana como uma constante transformação está integrada nos alicerces dos documentos oficiais que norteiam a educação nacional. O entendimento que a cultura é um elemento decisivo no desenvolvimento da criança ressignifica o papel da escola; o constructo teórico de Vigotsky reforça sua importância no desenvolvimento sócio-cognitivo da criança.

2 ATIVIDADE CRIADORA NA INFÂNCIA

Embora tenha vivido menos de quarenta anos, Vigotsky teve uma produção intelectual intensa. Seus estudos científicos repercutiram diretamente na psicologia contemporânea, educação, antropologia, lingüística, história, filosofia, sociologia e arte.

Vigotsky pesquisou a arte enquanto experiência e nesta área pode-se dividir seus estudos em dois momentos: a educação estética em si e o estudo das funções psicológicas superiores envolvidas no ato de criação artística. A obra *La Imaginación y el Arte en la Infancia*, recentemente publicada, faz parte dos escritos fundamentais de Vigotsky, sendo um dos primeiros estudos científicos do psicólogo soviético sobre a imaginação artística das crianças. Nela Vigotsky assim define a atividade criadora:

Chamamos atividade criadora a toda realização humana criadora de algo novo, sejam reflexos de algum objeto do mundo exterior, sejam de determinadas construções do cérebro ou dos sentimentos que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano. (Vigotsky, 2009, p.7)¹

Nesta perspectiva, toda atividade humana que não se limita a reproduzir impressões vividas, mas que cria novas ações e impressões enquadra-se no conceito de criatividade. Para Vigotsky é precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser que possa projetar o futuro, contribuir e modificar o presente. Chamada pela psicologia de *fantasia* ou *imaginação*, a atividade criadora se manifesta em todos os campos da vida cultural: arte, ciência e técnica.

Ao contrário do que se prega popularmente, a criação não é um privilégio de poucos e seletos gênios, pois tudo o que nos rodeia e foi criado pelo homem é produto da imaginação, da atividade criadora. Conforme Vigotsky, as premissas necessárias para criar estão a nossa volta diariamente, “tudo que excede a rotina, toda mínima novidade tem sua origem no processo criador do ser humano”. (Vigotsky, 2009, p. 11)².

Para que se oportunize o desenvolvimento da capacidade criadora nas instituições de educação infantil é preciso lembrar que quanto maiores as vivências, maior a imaginação, pois o ímpeto criativo não se manifesta repentinamente, senão de forma lenta e gradual. Conforme a criança vê, experimenta e assimila elementos reais, maior seu potencial criativo.

Uma criança inserida em um grupo/espço onde possa vivenciar experiências diversas poderá a qualquer momento extrair elementos desta realidade para recombiná-los de maneira inusitada. Neste sentido parece-nos evidente a relação direta que Vigotsky estabelece entre o potencial criativo e a variedade de experiências acumuladas pelo homem.

Para melhor compreender o mecanismo da imaginação e da atividade criadora precisamos partilhar da visão do psicólogo russo acerca do vínculo entre fantasia e realidade na conduta humana: sentimento e pensamento movem o ser humano. Toda ideia se apóia em um desejo; as imagens arquivadas através da experiência não se combinam aleatoriamente como nos sonhos ou delírios insensatos. Esta combinação obedece a uma lógica interna entre o próprio mundo e o mundo exterior. Para que a atividade criadora se concretize há uma larga história atrás de si.

A *história*, a qual Vigotsky nos fala, é a somatória das etapas do processo criativo, assim constituído: no começo a criança acumula experiências que mais tarde usufruirá para construir sua fantasia. Há depois uma elaboração destas informações onde se desvincula a natureza dos elementos tal qual foram percebidos. A essa dissociação segue o processo de mudanças baseadas em nossas excitações nervosas internas e às imagens concomitantes com elas. O momento seguinte é o agrupamento dos elementos dissociados, justapondo-os a um sistema.

Na verdade, para Vigotsky, criar é uma necessidade humana para que possamos nos adaptar ao meio que nos rodeia. “Se a vida não lhe impõe tarefas, se há um equilíbrio pleno com o mundo em que vive, então não haveria base alguma para o surgimento da ação criadora.” (Vigotsky, 2009, p. 35).³

A função imaginativa depende da experiência, das necessidades e dos interesses pessoais de cada criança. Também depende da capacidade de dar forma material aos frutos da imaginação, dos conhecimentos técnicos, das tradições e dos modelos de criação; mas, acima de tudo, a imaginação depende incontestavelmente do meio ambiente que nos rodeia. Por isso a escola é tão importante no desenvolvimento do potencial criativo de uma criança. Tendo em vista a carga horária que a criança permanece no espaço escolar, torna-se evidente que a qualidade das experiências ali proporcionadas será fundamental para que a imaginação possa atuar de forma peculiar e instigante.

3 A IMPORTÂNCIA DE CRIAR NA ESCOLA

Em seus estudos Vigotsky é enfático em afirmar que o desenvolvimento humano subjetivo e da própria espécie está diretamente ligado à capacidade criadora. Neste sentido ele alerta que a condução deste processo imaginativo pode tanto aproximar o homem da realidade, levando-o a interagir e modificar o mundo a sua volta, como distanciá-lo da mesma entregando-o a um processo contemplativo destituído de energia para contribuir com o mundo real. Uma boa escola possibilitaria dotar o ser humano de maior capacidade de ação, fazendo com que o potencial criativo se materialize e interaja com o mundo real.

Se considerarmos que o verdadeiro sentido psicológico de criar é fazer algo novo, fica evidente perceber que criar é importante, pois dá ao ser humano a possibilidade de interagir e modificar o mundo ao seu redor, suas relações com o outro e consigo mesmo. Um olhar aguçado pela atividade criadora permite inclusive inovar para reverter danos anteriormente causados, permite perceber que algo pode ser melhorado ou simplesmente ser diferente. Neste prisma, o ato de criar torna-se uma ferramenta de adaptação. Uma adaptação que se dá ao longo da vida, inclusive na escola.

Talvez seja oportuno lembrar a razão pela qual nossa sociedade criou a instituição escolar. Desconsiderando neste momento o lamentável problema de ordem econômica que diferencia o objetivo das escolas conforme a classe social a que pertence, em sua gênese a instituição escolar está diretamente ligada ao ensinamento dos valores e condutas sociais básicas da sociedade. A iniciativa, antecipação e capacidade de resolver problemas foram necessidades que o tempo impôs a estas condutas sociais, anteriormente, restritas à obediência e à moral.

A escola que se propõe a contribuir socialmente atuando na formação de indivíduos com iniciativa para buscar soluções e resolver conflitos de diferentes ordens - pessoais, sociais, ambientais, econômicos, políticos, científicos, estéticos, éticos... – precisa necessariamente planejar um ensino que potencialize a atividade criadora. Sem esta capacidade desenvolvida e estimulada, a escola estará simplesmente reproduzindo a sociedade que a ela se apresenta e testemunhando a estagnação da mesma.

Um projeto educacional que estimule a criatividade é, acima de qualquer coisa, uma decisão política acerca do futuro da sociedade. No Brasil, o sistema educacional básico é dividido em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e médio. Para a pesquisadora Maria Carmem Silveira Barbosa, na peculiaridade da educação infantil, as instituições têm a missão de dar conta da necessidade de segurança e proteção, além de possibilitar à criança liberdade e autonomia.

É na escola que as crianças vão ter uma oportunidade maior de contato com o universo científico, artístico, cultural e tecnológico através de experiências que muitas vezes não seriam possíveis em suas famílias. Ainda segundo Barbosa, a escola torna-se o lugar por excelência onde a criança produz cultura, ao mesmo tempo em que se constrói enquanto ser humano no convívio com outras crianças.

Além de promoverem sua formação através de suas interações, as crianças também produzem culturas. Tal afirmação implica compreender que, brincando, são capazes de agirem incorporando elementos do mundo no qual vivem. Através de suas ações lúdicas, de suas primeiras interações com e no mundo brincando consigo mesmas e com seus pares, produzem outra forma cultural de estabelecer relações sociais. Essas ações e interações, geralmente lúdicas, são denominadas de culturas infantis e são transmitidas através de gerações de crianças. (BARBOSA, 2009, p.24)

Uma perspectiva educativa voltada para a atividade criadora inclui momentos de conversa, brincadeiras, histórias, interação com diversos materiais, experiências com linguagens diferentes. O processo é pautado na ludicidade e na convivência legitimados pelos olhos e ouvidos atentos do educador que oportunizará ali a *presença da beleza*. “Presença que faz emergir a humanidade de cada dia enquanto ocorrência extraordinária que rompe o ordinário cotidiano para amplificá-lo de sentidos.” (BARBOSA, 2009, p.78).

4 UMA ROTINA ESCOLAR QUE FAVOREÇA A ATIVIDADE CRIADORA NA INFÂNCIA

Dissertar sobre rotina na educação infantil é ter em mente que a mesma pode estar vinculada a dois aspectos no ato de educar: repressão e liberdade. Uma prática educativa cotidiana repressora pode conter impulsos, impedir atitudes e desestimular iniciativas individuais. Uma educação libertária pressupõe a promoção da autonomia, da livre iniciativa e do encorajamento para o novo.

Tendo por base os estudos culturais a pedagoga e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Maria Carmem Silveira Barbosa, tem se tornando uma referência nacional no que tange às pesquisas sobre rotina na educação infantil. Suas pesquisas buscam teorizar e refletir sobre o hábito dos educadores em organizar o cotidiano nas escolas de educação infantil através de rotinas. Barbosa percebeu a dificuldade dos educadores em estabelecer conexões entre a rotina institucional e sua teoria pedagógica. Desta forma, em sua obra *Por amor e por força: rotinas na educação infantil (2006)*, Barbosa propõe a resignificação destas rotinas.

Na obra em questão a autora considera que apesar da escassa reflexão teórica acerca do tema, a rotina de uma escola é muitas vezes apresentada aos pais e às crianças como o cartão de visitas da instituição. São nestas rotinas que as instituições se reconhecem e buscam se diferenciar umas das outras. São inúmeros os formatos: desde rotinas mais fechadas, onde não há possibilidade de movimento, até as mais abertas, com espaço para a aguçada e oportuna intervenção do educador mediante a bagagem das próprias crianças.

Barbosa explica que etimologicamente o termo *rotina* vem de rota e é sob este aspecto que devemos entendê-la: um itinerário a percorrer com a intenção de chegar a um determinado lugar. Portanto, a rotina se constituiu como etapa importante do planejamento pedagógico de uma instituição de educação infantil e contempla a organização do ambiente, o uso do tempo, a seleção das atividades e a oferta de materiais.

Uma análise rápida e superficial pode levar a crer que tais rotinas dificultariam um processo criativo, uma vez que diariamente as crianças se deparam com atividades semelhantes, em tempos cronologicamente estabelecidos e exaustivamente repetidos ao longo do ano. De fato, rotinas sem intencionalidade pedagógica que desconsiderem a peculiaridade das crianças, seus referenciais familiares e culturais, podem barrar o potencial criativo e desestimular a concepção do novo. Não é a esta rotina que simplesmente distribui tempos e espaços que nos referimos.

A intencionalidade pedagógica transforma espaços físicos em ambientes. Para compor um ambiente é preciso conhecer os seres que o habitam e construir com eles uma experiência de vida temporal nele enraizada. O ambiente envolve aspectos físicos, culturais, afetivos e sociais. Ao pensar no ambiente, precisamos levar em conta os odores, as cores, os ritmos, os mobiliários, os sons e as palavras, o gosto e as regras de segurança, pois cada um tem identidade própria. (op.cit, p.91).

Um ambiente organizado pode potencializar o potencial criativo, pois favorece a autonomia das crianças desde a facilidade em encontrar o que procuram, caixas de papelão ou fitas coloridas, por exemplo, até as condições mobiliárias para dar forma as suas ideias: mesas de tamanho adequado, tapetes que possibilitem exercitar sua corporeidade trabalhando em diferentes posições, cadeiras leves para deslocar e empilhar.

É fundamental um olhar atento para o arejamento, a iluminação, o tamanho da sala e sua higiene. Barbosa ressalta a importância de perceber a diferença entre um espaço projetado para crianças maiores de ensino fundamental, essencialmente funcional e amplo, e outro adequado para a educação infantil, com nichos que servem como “esconderijos” para a privacidade e brincadeira de grupos menores.

O contato visual com o mundo fora da instituição também deve ser mantido para que a criança perceba a conexão entre a escola, sua vida e a vida das outras pessoas. Muros e cercas baixas ‘alertam’ crianças e adultos; muros muito altos e grades mandam uma informação completamente diferente e impõem uma separação, um confinamento. O mesmo serve para a altura das janelas.

Banheiros, corredores, quintais e refeitórios também são lugares de convivência e devem ser planejados levando em consideração este desejo tão comum na infância de exploração e ressignificação dos ambientes. Elementos flexíveis, tais como pneus, troncos, cordas e cabos de vassoura transformam-se em castelos, cabanas e rios com jacarés nas áreas externas. Pensar os espaços para que estes se constituam de fato em ambientes de aprendizagem é um elemento decisivo do planejamento institucional que dará sentido à rotina.

Outro fator bastante enfatizado pelos educadores quando descrevem a rotina das instituições em que trabalham é o gerenciamento do tempo. Barbosa constatou que no Brasil a estrutura comumente encontrada nas instituições de educação infantil cujas crianças frequentam um único turno compreende: “entrada/ jogo livre/ rodinha/ trabalho dirigido/ banheiro/ lanche/ trabalho diversificado/ organização final/ despedida e saída.” (BARBOSA, 2006, p.145). Assim sendo, percebe-se uma rotina quanto ao gerenciamento do tempo.

Um avanço positivo apontado pela pesquisadora é que o controle rígido do tempo caiu em desuso, mas as transições ainda são feitas através de convenções, canções, gestos ou símbolos, que partem do pressuposto estímulo-resposta. Uma boa rotina tem momentos fixos em sua sequência, mas não rígidos em sua duração.

A oferta de materiais e a seleção das atividades é um dos pontos-chave no planejamento pedagógico. Se o que a escola propõe é, conforme a visão vigotskiana, ampliar ao máximo a riqueza e diversidade de experiências das crianças para potencializar a atividade criadora através da recombinação, a diversidade de materiais de um educador pode complexificar e ampliar o campo de experiências das crianças.

Neste sentido as pesquisadoras europeias Elinor Goldschmied e Sonia Jackson recomendam uma infindável lista de materiais industrializados e naturais que vão desde bandejas com lentilhas para serem vertidas ou despejadas em pequenos recipientes até brinquedos que simulem acontecimentos sociais, como cantinho do marceneiro, por exemplo.

Na obra *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*, publicada no Brasil em 2006, Goldschmied e Jackson, abordam, entre outras coisas, a questão da educação visual na educação infantil. Sugerem paredes claras com imagens de boa qualidade que não se restrinjam à reproduções de obras de arte, mas também a pelo menos uma obra original, feita

por alguém da própria comunidade. O uso abusivo de imagens estereotipadas ligadas aos desenhos animados televisionados é objeto de preocupação e merece atenção tendo em vista que desconsideram o princípio da importância da heterogeneidade das imagens ofertadas às crianças.

Plantas e retratos humanizam o ambiente; duas cadeiras para adultos trarão mais conforto numa eventual conversa com os pais e um mural limpo e periodicamente renovado é ideal para expor os trabalhos das crianças.

As pesquisadoras ainda sugerem alguns itens para brincar em mesas, tais como miçangas grandes e coloridas, quadros móveis para desenhar, jogos de classificação por cor, forma e tamanho, tesouras sem ponta, cola, revistas para recortar, giz de cera grosso e papel. Para brincar no chão os blocos de madeira para construção de torres são imprescindíveis, enquanto pistas para carros, túneis e potes de diversos tamanhos são um convite para a imaginação.

O contato desde cedo com materiais artísticos cria uma intimidade entre a criança e a arte e desenvolve a sensibilidade estética. Pincéis com cerdas de diversos tipos, tintas de texturas, consistências e cores diversas, papéis de diferentes gramaturas, tamanhos e cores, massinha de modelar, argila, espumas coloridas, retalhos de tecido, areia colorida e conchas, estão entre as infindáveis possibilidades de materiais que darão vazão à arte.

5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PARTICULARIDADES DA ARTE

Pensar no ato de criação como uma necessidade de adaptação pode parecer exagero ou excesso de esmero. Adaptar-se a quê exatamente? Podemos sempre perguntar. Ou ainda: ao exercermos o potencial criativo para adaptarmo-nos ao novo não entramos num processo rotativo: criar o novo para dar conta do novo? A atividade criadora é, portanto, uma força motriz; ela impulsiona, sugere, troca as coisas de lugar, provoca instabilidades e subjetividades.

A arte, dentre as linguagens humanas existentes para compreender o mundo, dota o homem de uma dimensão sensível. Segundo Vigotsky é justamente esta sensibilidade que subjetiva o homem tornando-o único. A arte tem, portanto, um aspecto funcional. Quando a trazemos para dentro da escola estamos dizendo à sociedade que valorizamos a busca sensível pelo novo. Este novo pode compreender desde um avanço medicinal até um novo gesto ou um

posicionamento que considere a gentileza e a tolerância. O novo é, acima de tudo, um novo olhar.

Apesar da liberdade para inovar e criar, trabalhar com a arte não significa abandonar regras, parâmetros, organizações de tempo ou espaço. Para que a atividade criadora repercuta como comportamento e maneira de pensar é preciso inseri-la desde cedo na rotina básica da escola. A constância no manejo com os materiais expressivos, instrumentos, técnicas e imagens é mais profícua que momentos isolados e esporádicos de contato com a arte. A intimidade entre a criança e a arte se dará aos poucos através de uma rotina cuidadosamente planejada.

Um educador atencioso perceberá que a maneira como o olhar das crianças se desenvolve depende muito do que lhes é oferecido. Como nos lembra Galeano, é preciso *ajudá-las a olhar*⁴. Ajudá-las a olhar não significa impor uma visão de mundo; ao contrário, ajudar a olhar implica em livrar o outro de possíveis cortinas ou névoas que distorçam a visão, implica em deixar livre de obstáculos para que possa ver e refletir sobre o que vê. Diante da reflexão vem a decisão em manter do jeito que está ou fazer de outro modo: eis aí a atividade criadora. O espaço da arte no ambiente escolar é a intencionalidade de arejamento das ideias, a possibilidade da dúvida, o impulso para uma ação não pautada na repetição sem reflexão.

Se de fato acreditamos que a criança é um ser aprendente que busca compreender o mundo, que a escola proporciona descobertas que não ocorrem espontaneamente e que a arte impulsiona a ação inovadora de maneira sensível, podemos dizer que o lugar para a atividade criadora na educação infantil não é somente importante, mas essencial. Uma escola que valoriza e oportuniza a atividade criadora em sua rotina pedagógica instiga o que há de mais humano no ser humano.

NOTAS

- ¹ Tradução livre. Texto original: Llamamos actividad creadora a toda realización humana creadora de algo nuevo, ya se trate de reflejos de algún objeto Del mundo exterior, ya de determinadas construcciones del cerebro que o del sentimiento que viven y se manifiestan solo em el próprio ser humano. (Vigotsky, 2009, p.7).
- ² Tradução livre. Texto original: Todo lo que excede del marco de la rutina encerrando sequiera una mínima partícula de novedad tiene su origen em el processo creador de ser humano. (Vigotsky, 2009, p.11).
- ³ Tradução livre. Texto original: Si La vida que Le rodea no plantea tareas, si sus reacciones naturales e heredadas Le equilibran plenamente com ele mundo em que vive, entonces non habría base alguna para el surgimiento de la acción creadora. (Vigotsky, 2009, p.35).

- ⁴ Referência ao poema A função da Arte/1, de Eduardo Galeano: Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (Galeano, 2002)

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P.. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, M. C. S.. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S. **Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção das orientações curriculares para a educação infantil**. Brasília: 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol 1. Brasília: 2001.

GALEANO, E. **O livro dos abraços; tradução de Eric Nepomuceno**.- 9.ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOLDSCHMIED, E. e JACKSON, S.; tradução Marlon Xavier. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev Vigotsky**. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKY, L. S. **La Imaginación y el Arte en la Infância**. 9ª ed. Madrid: Akal, 2009.